



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

22 de Janeiro de 2005 • Ano LXI • N.º 1588
Preço: € 0,30 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

Um bocadinho de História

PAI Américo, depois que no dia de S. José, em 1932, o seu Bispo lhe confiou a Rua para missão pastoral, entregou-se à *Obra* e fez das ruas o seu gabinete de trabalho e da *comunhão* na vida sofrida dos Pobres o seu método. Ali, nos casebres e mansardas, nos hospitais e cadeias, foi que ele aprendeu e apreendeu o seu programa.

Não sei se, ao tempo, eram ministrados na Universidade cursos de Sociologia. Sei que de lá, da Alta de Coimbra, se ia reparando com respeito e admiração crescentes, neste *estagiário* cujo peregrinar se constituía em lição magistral de que o *Correio de Coimbra* era a *sebenta* em suas edições semanais: «Os meus dias eram caóticos. Sabia de uma necessidade ali; e ia acolá procu-

rar remédio; e voltava com ele ao ponto de partida — era tão feliz! Vê, rapaz, no que eu agora estou metido!» Eram desabafos, em momentos inesquecíveis na varanda do redondo da Casa-Mãe quando as responsabilidades de Pai da grande Família lhe pesavam mais.

Preciosos aqueles oito anos de «caos» nas ruas de Coimbra, tantos durou a gestação da primeira Casa do Gaiato! Mas com este dar-à-luz foi a passagem ao mundo da organização que os homens têm a tendência mórbida de complicar. Daí alguma nostalgia daqueles anos e o gosto com que Pai Américo perfilhou a síntese do Pedagogo suíço que ao fim da sua visita, sentenciou: «Isto é uma *desorganização organizada*. E assim é que está certo!»

Miranda do Corvo no fim do primeiro ano rebentava pelas costuras. Pai Américo pensa em nova casa. Pensa-a mais para Norte. A Marquesa de Valflor oferece-lhe uma propriedade. Pai Américo sabe que tal provoca mal-estar em familiares feridos nos seus interesses e recusa. Há o Mosteiro de Arouca, então abandonado. E há, em igual situação, a Fundação Casa Pia de Paço de Sousa. Aqui Pai Américo hesita porque se trata da sua terra e «na sua terra ninguém é profeta». Mas acaba por decidir-se; e no Verão de 1942 dá os primeiros passos nesse sentido.

A Casa Pia de Paço de Sousa, após dois incêndios nos anos trinta, fora desocupada e assim permanecia em 1942. Desde os anos vinte era a Junta de Província

do Douro Litoral a entidade administrativa da Fundação que, como tal, era Pessoa jurídica. Tratava-se de passar esta administração da Junta para a Obra da Rua. Do Terreiro do Paço havia luz verde.

Em uma reunião para este fim, realizada no Governo Civil do Porto, estavam Governador, Representantes da Junta de Província e outras Personalidades com autoridade no Distrito e interesse na matéria. É aberto o diálogo e vários dos presentes tomam a palavra, opinando sobre a excelência da propriedade e suas potencialidades para isto mais aquilo... Pai Américo, silencioso até ao momento, levanta-se, não interrompe ninguém com despedidas e sai da sala. Fica a assembleia em estupefação. O primeiro a vencê-la é o Senhor António Russel de Sousa que corre atrás de Pai Américo e dá com ele já nas escadas para a saída.

— Padre Américo, mas que aconteceu?...

— ... Nada. Eu pedi Paço de Sousa para realizar, na Cerca do Mosteiro, aquilo que Deus me inspirou. Afinal há tantas opiniões e decerto boas — pois realizem-nas.

E fez menção de descer. O Senhor Russel de Sousa (foi ele o autor deste relato), porém, não desanimou e conseguiu fazê-lo voltar à sala:

— Tudo se explica. Vai ver que todos entendem.

E, na verdade, tudo se explicou e todos entenderam. Um acontecimento que poderia ter tido por leitura: um acto de má educação; e todos acolheram como *gesto profético*.

Passado pouco tempo a Obra da Rua tomou posse das ruínas do Mosteiro e da sua Cerca. Arquitecto Teixeira Lopes come-

Continua na página 3

Momentos

Provas irrefutáveis

ERA nas vésperas de Natal. Na cidade do Porto organizava-se um jantar de apoio e desagravo às Casas do Gaiato.

Os nossos Amigos da *Confraria das Tripas à moda do Porto* também se sentiram indignados e doridos com o que a comunicação (confusão?) social, nalguns dos seus canais, repetiu, repetiu e voltou a apregoar, tentando denegrir, a todo o custo, a imagem da Obra do Padre Américo; actualizando ditatorialmente o axioma revolucionário: «A mentira mil vezes repetida, parecerá uma verdade».

Os nossos rapazes tinham de estar!... Eles é que são a Casa do Gaiato. Eles, os actuais, e os milhares espalhados por todo o mundo com suas famílias, mulheres, filhos e netos a sofrer, amarga e injustamente, constituem — o Corpo Vivo — mais central da Obra da Rua.

Foram vinte e nove ao jantar. Rapazes dos 9 aos 22 anos!

O lugar escolhido pareceu-me dos mais dignos, a mim que conheço mal a cidade. O Hotel Palace do Porto, aonde o chefe Hélio Loureiro pontifica, agregando também como confrade a

orientação das mensais refeições gastronómicas dos associados.

Ir jantar a tão distinto Hotel era para os rapazes um forte estímulo pessoal e fundamento de enorme curiosidade e alegria. Não foi difícil fazer a apresentação.

Eles mostram-se facilmente. Após a chegada dos convidados ao grande átrio da sala de jantar, começaram os profissionais, vestidos a rigor, a servir os aperitivos. Os rapazes arrumaram-se a um canto do amplo recinto pela ordem lógica da banda: flauta transversal e clarinetes, saxofone, caixa, bombo e pratos; trombones, tuba e trompetes, iniciando um concerto admirável de cinco números!

Um após outro, com intervalo suficiente para mudarem os papéis nas estantes individuais, foram-se apercebendo que os convivas abandonavam os tabuleiros de magníficos acepipes e paravam extasiados a ouvir o sublime instrumental.

De lado, como pai magoado, lançava furtivamente um olhar discreto sobre as vítimas triunfantes e seus defensores surpresos!

O coração enchia-se-me de júbilo!...

Que delicioso aperitivo me havia de consolar!

Uma estrondosa e prolongada salva de palmas terminou o prelúdio desta refeição.

A sala de jantar, decorada com motivos natalícios, apresentava grandes mesas redondas, cobertas de lindíssimas toalhas, recheadas de talheres, copos e pratos de requinte, nas quais se sentaram também os gaiatos. Não, no meio das pessoas, de forma indiscriminada, mas em mesas reservadas para eles.

Os serventes, à medida que foram trazendo terrinas e travessas, foram também espalhando pelos comensais surpreendentes elogios sobre a posição dos gaiatos à mesa: — *Nem acanhados, nem atrevidos. À-vontade e com muita educação.*

Também ao lugar onde me sentei, longe deles, chegaram os consoladores e estes que os meus vizinhos comparavam aos de outros grupos de gente nova, filhos de algo, nada abonadores de boas maneiras!

— *Admirável!...* — exclamava Rosa Mota, sentada à minha direita, comovida e espantada!...

— *Como é possível dizer-se mal da Casa do Gaiato?!...*

Também um senhor da Póvoa do Varzim, colocado à minha frente, se me dirigiu emocionado:

— *Sou proprietário de uma empresa de transformação de carnes. Quero dar-vos cem quilos dela para o Natal e Ano Novo.*

Não deu cem, mas cento e trinta!

Durante o café, os gaiatos voltaram a organizar-se.

Em cima de uma comprida mesa, ali colocada, naquele momento, puseram três xilofones com os respectivos artistas e rodearam-nos com nove tocadores de flauta de madeira, pandeireta, ferrinhos e vozes. Uma orquestra *orf* encheu as almas de poesia, cultura e verdade. Argumentos irrefutáveis!...

Padre Acílio

Malanje

Meditando

CRISTO Senhor, onde está a tua paz?! Aquela que emana do Teu amor por todos os homens, da sua dignidade, da justiça e direitos humanos, da não violência, dos corações que amam e do respeito pela vida — que Tu nos dás com todas as belezas da Criação?!

Falo conTigo neste planalto verde, verde e belo sinal de esperança. Olho os reflexos de prata nas folhas das mandioqueiras!

Como Tu permites tantas guerras, a fome, os bairros de degradação e miséria, os assaltos nocturnos, a sida e a droga? Ainda hoje lembrei aquele universitário que ficou um farrapo e as lágrimas do pai...

Esta liberdade que nos destes, deixa-me um pouco baralhado... Mas sei que é a Tua e verdadeira solução. Livres! O bem ou o mal nos carreiros do caminho.

Olho, agora, as colinas verdes e apetece-me gritar: Fica connosco, Senhor!, não nos deixes perdidos em tantas veredas sinuosas!

Ele, sim: está Vivo no meio de nós!

Padre Telmo

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

CASAS DOS POBRES — Arru-mamos outra moradia do Património dos Pobres, da qual foi utente, em primeira mão, na década de cinquenta, a senhora *Maria Mocha*, velhinha que Pai Américo muito ajudava, ainda longe do seu presbiterado. Foi uma revisão completa. Inclusive, na parte dos sanitários, onde colocámos um cilindro eléctrico que serve o banho do (ou da) residente. Obras muito caras, agora! Mas vale a pena servir melhor os utentes.

No topo do monte, acabámos a revisão de mais casas: Uma, que, naquele tempo, foi oferta de um industrial de Guimarães; outra, dos residentes da Rua 5 de Outubro, Porto. Naquela, está um casal idoso, cujo marido, de oitenta anos, trabalha ainda numa empresa gráfica, do Porto. Na outra, um jovem, sem pai nem mãe.

PARTILHA — Dez euros, do assinante 77203, Torre da Marinha; o mesmo, da assinante 71485, Assafarge (Coimbra). Quinze, da assinante 16215, Alcobaça. E mais dez, da assinante 21180, Lisboa.

Vinte ditos, da assinante 44842, Porto; idem, do assinante 74442, Covilhã; idem, da assinante 78818, Fernão Ferro; idem, da assinante 63041, Penafiel; idem, da assinante 16454, Mesão Frio; mais idem, da assinante 60252, Gaia.

Vinte e cinco euros, da assinante 76362, Abrantes; idem, do assinante 11282, Oliveira do Douro; idem, do assinante 53241, Luso.

Quarenta deles, da assinante 11617, Ermesinde; idem, do assinante 23038, Gaia; e mais 35, de Lourdes, Cacém.

Cinquenta, da assinante 74663, Tornosendo; idem, da assinante 70178, Coimbra; idem, da assinante 63349, Mem Martins; idem, da assinante 67687, Azambuja; idem, do assinante 46120, Almada; idem, do assinante 22175, Paris — o nosso Licínio; idem, do assinante 11171, Porto, companheiro da ex-Escola Mouzinho da Silveira; idem, da assinante 66545, Braga; idem, da assinante 23979, Estados Unidos; idem, da assinante 32925, Guarda; idem, da assinante 65318, Póvoa de Varzim; idem, da assinante 28637, Lisboa; idem, do assinante, 75292, Bucelas; idem, da assinante 22968, Monte da Caparica; idem, da assinante 43689, Monte Estoril; idem, do assinante 8061, S. Cosme (Gondomar); idem, do assinante 57177, Lisboa; idem, da assinante 65318, Santo Tirso de Prazins.

Setenta e dois euros e cinquenta cêntimos, do assinante 7217, Porto. Trezentos, do assinante 34220, Lavadores (Gaia). Cento e cinquenta, da assinante 11325, Caldas da Rainha. Setenta, para ajudar «a pagar as facturas da farmácia». Cento e cinquenta, da assinante 57843, Porto. Duzentos, da assinante 28879, Canelas (Gaia). Idem, do assinante 52820, Aveiro. Oitenta e cinco, do assinante 9790, Perosinho. Cem, da assinante 57002, Senhora da Hora. Duzentos e cinquenta, da assinante 32517, Lisboa. Cem, da assinante 73345, Idem. Restante de «contas com O GAIATO», da assinante 27044, Alcabideche. Setenta e cinco, da assinante 20856, Espinho. Cento e cinquenta, de meu antigo professor da ex-Escola Mouzinho da Sil-

veira, Porto, para O GAIATO e Pobres. Cem, «pedrinhas mal alinhavadas», da assinante 73345. Mais cem, da assinante 60152, Porto. Outros cem, da assinante 7769, Porto. Idem, do assinante 4395, Famalicão. Idem, da assinante 11902, Fundão. Idem, da assinante 61246, Porto. Idem, do assinante 11676, Porto. Idem, do assinante 23979, Estados Unidos. Idem, da assinante 19970, Lisboa. Cento e vinte e cinco, do assinante 39967, Mosteirô. Trezentos e vinte, da assinante 35016, Póvoa de Varzim.

Retribuímos os votos de Santo Natal e Ano Novo. E agradecemos tudo em nome dos nossos Pobres.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

FUTEBOL CLUBE DO PORTO — O grande Futebol Clube do Porto ofereceu-nos uma camioneta de mercaria, no valor de seis mil euros. Temos a certeza de que o Porto nos convidará para vermos jogos, especialmente dos *grandes*, no Estádio do Dragão. Os gaiatos agradecem e dão os parabéns pela Taça Intercontinental. Um bom Ano Novo.

ESTUDO E BIBLIOTECA — A grande sala de estudo e a biblioteca já abriram para a nossa gente. Sala de estudo para os estudantes e a biblioteca para lá irmos ler e apreciar livros.

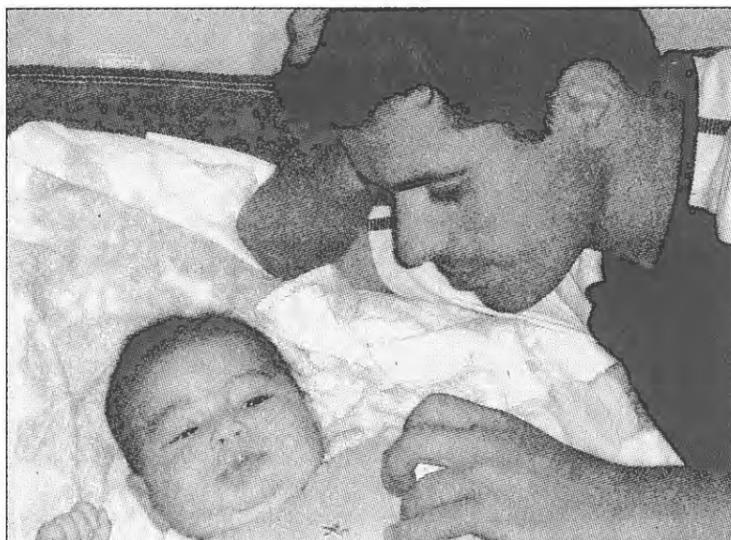
VISITANTES — Especialmente no tempo de Natal, muitas pessoas *invadiram* a nossa Casa, para testemunhar a sua amizade por nós, nesta fase difícil da vida desta Comunidade. Entre o dia 26 de Dezembro e o dia 2 de Janeiro, celebrámos a Eucaristia com aqueles que vieram desagrar as ofensas que sofremos. Um grupo de Padres da Diocese do Porto confiou-nos até um livro para as visitas assinarem, nos cicerones. Os nossos Amigos trouxeram bens alimentares, guloseimas, roupas, brinquedos e valores. A todos, sem excepção, o nosso muito obrigado!

CELEBRIDADES — Vieram a nossa Casa muitas celebridades que nos apoiam contra as calúnias que a Segurança Social lançou na Imprensa sobre a nossa Obra. A todos esses Amigos, os nossos agradecimentos.

FÉRIAS — Acabou o primeiro período de aulas. Alguns rapazes trouxeram *negas*, mas no segundo período têm de as vencer....!

Rolando Polónia

DESPORTO — Os Juvenis receberam e ganharam ao F. C. Canelas (Penafiel). Uma vitória que deu muito trabalho, na segunda metade do jogo, já que ao intervalo estávamos a perder por 0-1. Durante os segundos 45 minutos, fomos mexendo na equipa conforme o comportamento de cada jogador. Assim, saltou do banco para marcar: «Bolinhas» (2), Tó-Zé (1), Abílio (1) e Rolando (2), muito embora, este último estivesse a jogar desde o início. Um desafio discutido taca-taca até certa altura, mas, contra a força, não há resistência. A prepara-



Jeyson e «Vitinho», que foi da Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

ção, a garra e a determinação dos nossos rapazes veio ao de cima para fazer justiça ao trabalho incansável dum colectivo, que cada vez está mais unido.

Os mesmos Juvenis, uma semana depois, receberam o Sporting Clube de Arcozelo a quem ganharam por 3-0. Um jogo difícil, já que o «adversário» se apresentou com um plantel forte, coeso e com um futebol prático e dinâmico, obrigando-nos a inventar forças e a pô-las em prática. Independentemente do resultado, que como sempre não é o mais importante, tudo correu lindamente. Foi-nos feito o convite, através do senhor Eng.º Álvaro Oliveira, para nos deslocarmos a Arcozelo, a fim de, em pleno relvado, podermos disputar mais um desafio de futebol entre amigos. Amigos, sim, porque, para além de tudo, trouxeram-nos uma carrinha *Ford Transit* cheia de embrulhos.

Já os Seniores receberam a Associação Desportiva da Raposa (Gaia) com quem perderam por 2-3. Uma primeira parte para esquecer, pois alguns dos nossos rapazes deram-se ao «luxo» de andar a passear a camisola, mostrando *estilo* em vez de jogar, conforme se lhes tinha pedido. Ao intervalo muita coisa se alterou, e tudo foi diferente. Abílio, que saltou do banco, teve por duas vezes o golo do empate nos pés, mas a sorte não quis nada com ele.

No meio de toda aquela «trapalhada», houve quem desse nas vistas, como por exemplo: «Bonga», «Teixugueira», Ilídio, «Bolinhas» e «Mancha» que, mais uma vez, evitou uma goleada, e, mais tarde, Carlos «Pote».

Queremos também deixar aqui bem claro que o Presidente da Associação Desportiva da Raposa é um dos nossos antigos gaiatos: Arménio Safaneta. Pelo que nos foi dado ver é muito querido e respeitado por toda aquela gente. — «O bom chefe, aquele que serve»; e foi precisamente o que nós constatámos. Arménio Safaneta não se serve do posto para se fazer notar, mas, sim, para servir e nunca para ser servido, como alguns que nós conhecemos....!

Alberto («Resende»)

Setúbal

POMARES — O «Fernandinho», o Amílcar e o «Drácula» andaram a plantar pessegueiros no pomar novo. O «Ricardinho» e os Gémeos, andaram a plantar ameixoeiras à entrada da Casa. O Hélder e mais dois rapazes

trocaram as macieiras secas do pomar das macieiras por outras novas.

CANALIZAÇÕES — O Zé Arlindo e o «Cara de vaca» andaram a pôr tubos debaixo de terra para levar a água às bocas de incêndio e para regar os canteiros. Quem abriu os buracos, para pôr os tubos, foi o «Lota», o «Monchique», o Amílcar e o Zeca.

NATAL — O «Ricardinho» andou a ensaiar um grupo de rapazes para a festa de Natal. O David ensaiou três rapazes para dizerem poesia. A nossa festa foi no bar, foi divertida e alegre. Depois fomos à Missa do Galo. A seguir, à boda e para recebermos os presentes.

VACARIA — Foram sete bezeros para a nossa Casa do Gaiato de Beire. Nós não podemos criar todos os animais que nascem cá em Casa. O nosso boi «Palhinhas» já está curado das duas patas de trás. Temos uma vaca que está a ser tratada na enfermaria para que não morra. Morreu, há pouco tempo, uma bezerra que estava no viteleiro, sem sabermos porquê. A produção de leite que as vacas dão está a ser boa.

Horácio

Santo Antão do Tojal

O NOSSO NATAL — Mais um Natal que passou! Tempo de paz, amor e solidariedade. A nossa Casa ficou enfeitada para confortar o Menino Jesus que nasceu. Todos os gaiatos andavam radiantes. Preparámos um grande espectáculo, que foi bastante aplaudido por todos os rapazes e algumas das nossas famílias. À meia-noite fomos à Missa do Galo. Cantámos. Houve lindos cânticos. A noite já ia longa, mas, antes de nos deitarmos, bebemos cacau e comemos bolo-rei e filhós. Os mais novos, excitadíssimos, vencidos pelo sono, só ao acordar puderam deliciar-se com os lindos presentes que o Menino Jesus deixou no sapatinho.

ANO NOVO — Vivam os nossos Leitores! Há um ano que não vos saudamos! Nós, por cá, continuamos felizes, depois de passadas as festas. Muitos gaiatos foram conviver com as suas famílias onde mataram saudades. Alguns, poucos, que ficaram na Casa do Gaiato, deslustraram-se com o

fabuloso fogo de artifício no Parque das Nações onde pudemos «abandar o capacete» até às tantas da madrugada. Os que não gostam de confusão, divertiram-se na nossa *discoteca* improvisada, onde um DJ amigo punha tudo a dançar. Já todos regressaram, pois as responsabilidades escolares não permitem distrações.

SPORTING — O desporto na nossa Casa do Gaiato anda animado! O Sporting Clube de Portugal e a sua secção de hóquei em patins treina e joga regularmente no nosso ginásio, que se encontra agora de «cara lavada». Esperemos que a agilidade dos hoquistas contagie alguns rapazes que pretendam iniciar-se na modalidade. Apesar da maior parte da malta ser benfiquista, houve uma boa aceitação!

ANIMAIS — A natureza rejuvenesce quotidianamente! As folhas soltaram-se já das árvores e também «desprenderam-se» das suas mães: cinco leitões, trinta e seis borreguinhos e dois vitelos. Estamos a enzardá-los bem! Depois, eles também nos reconfortarão a nós!

Turma do 2.º Ciclo
E.B. Recorrente

Lar do Porto

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — De Pai Américo: «O vicentino é um sofredor.»

E nós, neste momento, sofremos a perda do nosso vicentino Augustito. A nossa Conferência está mais pobre.

Há muito que ele estava mal. Foi operado e continuou a acompanhar a sua esposa, na sua visita, aos nossos amigos.

Continuou a marcar presença, activa, nas nossas reuniões.

Tinha uma grande vontade de viver e ajudar os outros. Mas a doença, foi mais forte do que o nosso Augustito.

O Senhor Deus levou-o para o Seu seio, onde, junto de Pai Américo, irá interceder por nós, estamos certos disso.

Hechei-o, desde quando, juntamente com outros, nesse dia, nos chegou a Paço de Sousa.

Foi sempre um bom rapaz, amigo de todos, mas muito correcto, e com um coração muito grande. Tão grande, que só deixou de visitar os seus pobres quando acamou e perdeu todas as suas faculdades mentais.

Alguém escreveu: «A vida passa tão depressa que, verdadeiramente, é melhor ter no Céu uma bela coroa e na terra um pouco de sofrimento, do que ter uma coroa ordinária sem padecimento».

De certeza que o nosso Augustito, pelo muito que sofreu na terra, já foi coroado no Céu, com uma bela coroa.

Uma palavra de apoio à nossa Germana, que também tanto sofreu, à sua cabeceira.

É certo que o sofrimento por quem amamos é o meio mais invencível para demonstrarmos que amamos. Quanto maior for o nosso sofrimento, mais convincente a nossa prova de amor.

É amando os homens que se aprende a amar a Deus. A nossa admiração e o nosso agradecimento à Ger-

Onda de indignação e dor de Norte a Sul do País

NOTA DA REDACÇÃO — As forças malévolas são vivaças e gozam temporariamente de algum poder. Mas a Verdade e a Justiça não são substantivos abstractos; são emanações do Divino — Deus é a Verdade; Deus é a Justiça. Por isso, queremos tranquilizar a multidão incontável dos nossos Amigos, que são eles, afinal, neste referendo espontâneo e apaixonado, os agentes que nos defendem das tais forças malévolas... se é que o são e não apenas carentes de bom senso e de recta consciência. **Aí vai mais uma amostragem da Voz do Povo que é Voz de Deus.**

Angústia e revolta

«Tenho vindo a acompanhar, com alguma angústia e revolta, o injusto tratamento que a Segurança Social e alguns meios de comunicação social têm dado à meritória Obra que a Casa do Gaiato vem desenvolvendo. Quero apresentar a minha solidariedade e apoio.

Se, porventura, vier a ser necessário introduzir alguns ajustes na organização dessa Casa, que espero sejam para real benefício das crianças, exorto a que não sejam alterados os pressupostos básicos de educação que essa Obra tem seguido, tão ajustados que são ao tipo de crianças que acolhem. Os métodos de facilitismo e desresponsabilização modernos que a

Segurança Social preconiza e aplica nas instituições que orienta já mostraram claramente os seus resultados negativos, como temos vindo a conhecer por casos relatados pela comunicação social e vamos vendo em muitas famílias de todos os estratos sociais.

Assinante 60164».

Tentam denegrir o que não fazem

«Tenho seguido toda a polémica criada por aqueles que nada fazem e tentam denegrir os que não fazem mais por não terem meios para tal.

Há muitos anos, visitei a vossa Obra e desde logo fiquei sensibilizado com tamanha dedicação. Eram os meus dois filhos da idade das crianças que aí vi. Desde essa altura, não mais os esqueci. Os meus filhos também levaram umas palmadas, também os castiguei e a roupa também foi sempre aproveitada. Hoje, agradeço-me algumas das palmadas que levaram.

É crime dar uma palmada a uma criança? Se ela a merecer e for dada na devida altura é tão importante como o pão para a boca. Claro, sem violência!

Assinante 85».

Desacatos inaceitáveis

«Tenho acompanhado o que certos órgãos da 'dita' comunicação social têm tido o desplante de vociferar contra a Casa do Gaiato. Isso causa-me total desprezo, indignação e revolta pelo desvario que representa. Certamente que é uma minoria de desafortunados que pretende 'talvez(?)' ver se arranja mais uns empregos do estilo deles. Felizmente que a Casa do Gaiato está bem entregue e não se deixa perturbar com essas parvoíces.

Bem-haja por tudo o que a Casa do Gaiato e a Obra do Padre Américo que, certamente, não saem beliscadas

FESTA DE NATAL — Realizou-se no dia 19 de Dezembro. Estava frio, mas aconchegado para o efeito. Tivemos a presença dos rapazes da Casa do Gaiato, e, alguns artistas, com o «nosso» palhaço do costume a dar o toque que estes dias dão a esses ambientes. O único senão foi a ausência habitual do Padre Júlio, para dar a mensagem de Natal. Assim sendo, ela veio na mesma, mas na minha pessoa. Assim se chega ao fim de mais um ano. Só desejamos a todos que o Natal tenha sido passado com muito Amor, e façam votos que o Ano Novo seja um ano melhor, que as famílias tenham menos privações e os homens sejam mais humanos.

BUSTO DE PAI AMÉRICO

— Continuamos a aguardar que nos cheguem donativos para a causa. Ainda muito falta para se atingir os quinze mil euros, pois à hora que vos escrevo ainda não atingimos os quinhentos euros. Lembro que a 3 de Julho faremos a inauguração em Setúbal. Este busto está a ser feito por Luís Mendes, um neto da Obra da Rua, e, estamos a procurar tudo por tudo para se atingirem os objectivos, pois sabemos que o tempo corre e temos de arregaçar as mangas. Podem enviar para a Associação da Comunidade «O Gaiato», Rua Morgado de Setúbal n.º 91, 2910 Setúbal.

Agradecemos a todos os que nos agradeceram, um muito obrigado.

César Amante

com estes desacatos inaceitáveis e inadmissíveis.

Gostei muito da primeira página d'O GAIATO de 11 de Dezembro (n.º 1585), que põe os pontos no lugar. Mantenham a paz e a serenidade necessárias às vossas Casas. Todos estes redemoinhos vão passar e esquecer, porque nada valem.

Muito obrigado pelo que sois e pelo que fazeis.

Assinante 20249».

Campanha suja

«É com grande nojo que tenho visto a campanha suja que tem sido feita não só a essa instituição como ao muito que está ligado à Igreja. Não é novidade... tem à volta de 2000 anos de existência e, por isso, não estranhemos.

Assinante 44877».

Repudio e condeno

«Repudio e condeno veementemente a campanha difamatória levada a cabo contra vós pelo Estado e pela imprensa. Não fazem nada para curar as feridas sociais e ainda estorvam quem as quer e sabe curar. Pena não

haver mais Casas do Gaiato! Não haveria tanta desgraça de drogas e vidas jovens truncadas!

Não quero deixar passar esta oportunidade sem vos dizer o quanto me é gratificante a vossa Obra, que apoio de todo o coração. Agradeço a Deus e peço-Lhe que vos abençoe e vos dê força neste momento e sempre para enfrentar os inimigos e seguir em frente.

Assinante 16486».

Atento à perseguição

«Tenho estado atento à perseguição que vos têm estado a fazer. Exorto-vos (bem o sabeis e melhor que eu simples leigo!) a que não desanimeis nem esmoreçais nesta luta contra o demónio personificado, concretamente, em pessoas e/ou instituições porque àquelas a quem o nosso Deus e Pai Santo mais ama é a quem mais prova. Depois da tempestade vem sempre a bonança.

Essa grandiosa, meritória e bem-fazeja Obra é de Deus e nenhum ser humano pode destruí-la por muitos esforços que faça, pois é o mesmo Deus que a nutre e sustenta, e, por isso, jamais morrerá. Não vos perturbeis, mas rezai e abençoai esses que vos querem mal. Deus vê tudo.

Perdoai se digo algo que está mal, mas é por vos querer muito bem.

Assinante 23004».

Um bocadinho de História

Continuação da página 1

çou a trabalhar o projecto da Aldeia cuja construção foi iniciada em Abril de 1943. Com o esboço do projecto Pai Américo apresentou-se ao Engenheiro Duarte Pacheco, revelando-lhe o que pensava e queria fazer. O Ministro das Obras Públicas deve ter olhado aquele Ministro de Cristo e visto nele o profeta, um homem que pensa e quer o que Deus lhe diz, por isso, capaz de consumir o que pensava e queria. Só assim se compreende os trezentos contos que imediatamente lhe concedeu e o despacho que os acompanharam: «Concedo ao homem e à Obra, a qual não pode estar sujeita a peias burocráticas».

Duarte Pacheco não era um ingénuo nem um sentimental. Este despacho, por singular que é, é verdadeiramente uma peça que faz história.

Outros tempos... Outros HOMENS.

Padre Carlos

mana, por ter sofrido tanto e com tanta paciência. Mas temos a certeza de que o Pai do Céu a irá compensar.

O Senhor, diz-nos, para nos deixarmos crucificar pela Caridade. Portanto, não a deixemos passar ao lado.

Deixemo-nos queimar por este fogo de amor ao próximo, que sofre na alma e no corpo, a nossa indiferença.

O fundamento da Caridade é amar os nossos irmãos. Amá-los como Deus nos ama a nós. E a porta deste amor é o Coração de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Como podemos dizer que amamos se não temos Caridade com os nossos irmãos? E a nossa falta de Caridade é porque andamos longe do Coração de Jesus.

A Caridade é amor. Amor ao próximo, livre de vaidades e repleto de humildade.

A misericórdia faz parte da Caridade.

O Senhor diz-nos que temos obrigação de sermos misericordiosos assim como Ele o é connosco.

Só Ele é o Único misericordioso.

Neste mundo, em que assistimos a tanta falta de misericórdia, daqueles que se julgam com direito de julgar os nossos irmãos e condená-los, tanta vez com injustiça e falta de misericórdia. Eles corruptos e sei lá mais quê, como se podem comparar ao Senhor Deus, que um dia os há-de julgar também. Então aí, estará o Senhor para os julgar, mas com a Sua Misericórdia.

A Caridade é toda a Lei e os Profetas. Se não a tivermos, nada seremos, por muito que nós possamos fazer.

Passaram-se as festas, e as vossas ofertas chegaram às mãos dos nossos amigos. Este ano, não foi tão fértil. Mas comparado com o que vai por esse mundo fora, não esteve mal. Entregámos algumas lambarices e algum dinheiro.

A todos os nossos amigos muito obrigado, e que o nosso Pai do Céu vos dê um Novo Ano repleto de felicidades.

Conferência de S. Francisco de Assis, Rua D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Olga e Valdemar

Associação da Comunidade
«O Gaiato» de Setúbal

SÃO MARTINHO — Foi no dia 14 de Novembro que se realizou o magusto. Tivemos fartura, mas o número de presenças é que foi reduzido. Esperávamos mais gente, pois estava frio e o dia cinzento com uma participação fraca. O essencial foi a presença de todos os que venceram esta adversidade e o convívio até correu bastante bem. Para o ano veremos.

DOCTRINA

As ideias novas costumam ser tratadas como os barcos suspeitos de peste...



A acção dos nossos pequeninos chefes na vida de relação é já uma clareira de certeza, por causa da notável eficiência que dia a dia se manifesta. Um caso: Há um magusto. Dezenas de garotos mexem e remexem as castanhas; envolvem-se no fumo; cruzam a fogueira. A certa altura, ouve-se o chefe: «Alto!» Tudo pára. Ele designa três para debulhar. Obedecem e todos esperam o seu quinhão, ordenadamente. Isto deu-se na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Eu estava.

OUTRO caso: Em Paço de Sousa somos setenta. Toca para a refeição. Entram delirantes e palreiros; a sala de jantar é o ponto mais alegre que as Casas têm. Sentam-se. Se o chefe não está, é certo que temos grosso alarido. Estão os professores. Estou eu. Está a governante e a enfermeira. Está o regente da quinta — os adultos da Casa. Não importa. Continua o falatório. O chefe entra, descuidadamente. Tanto basta para que todos guardem silêncio! O chefe fez 15 anos no dia 15 de Setembro! Não seria fastidioso, mas falta espaço para relatar outros casos que provam o nenhum acerto do critério da aglomeração do funcionalismo dentro destas Casas. Famílias pobres e numerosas não têm criados e delas costumam sair os melhores elementos da Nação. Os nossos pequenos, por não terem família, entram nela, uma vez instalados em nossas Casas. Somos uma Família pobre e numerosa. Não podemos ter criados. Também não admitimos vigilantes. Queremos autonomia. As ideias novas costumam ser tratadas como os barcos suspeitos de peste: ficam de quarentena. Assim foi a Obra da Rua, quando ela começou a trabalhar nas ruas. «Coitadinho; podia ter-lhe dado para muito pior!», dizia-se então. Hoje, porém, com O GAIATO e pel'O GAIATO ela já levantou ferro e começa a içar a bandeira. O Governo interessa-se. O Povo sente e pensa como O GAIATO. A vida das nossas Casas é activa, alegre, espumante. E guardo no meu peito um estuante desejo que outras Casas se levantem e que as congéneres existentes saibam arrear a bandeira antiga, sacudir a poeira e içar a nossa, a das coisas novas. Amen.

D. Américo

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

Benguela

Amor de mãe

DESTA vez, apetece-me cantar um hino à maternidade. É uma manhã de Domingo em que a Palavra revela a ternura maternal de Deus para com os filhos e filhas gerados no ventre da água baptismal! Nada é estranho. Estamos na festa do Baptismo do Senhor.

Há duas semanas, os mais pequeninos da nossa família, em número de dez, foram passar alguns dias na praia, em casa emprestada com muito gosto. A Teresa acompanhou-os. Várias vezes fiz a experiência de quadros verdadeiramente familiares em nossa vida. A mulher foi e é a protagonista. Tocada pelo chamamento à maternidade, é capaz de deixar todos os cálculos racionais, dando o seu coração, sem medida. Deste modo, o amor maternal de Deus encontra no coração da mulher a expressão mais palpável da Sua presença. É a sensação do chamamento à plenitude da maternidade.

Assim aconteceu, naqueles dias. Sempre que por lá passava, tinha a sensação de estar numa casa de família, com os filhos muito queridos à volta da mãe. Por isso, apetece-me cantar um hino à maternidade, de tal modo ficou gravado em mim o ambiente de paz e alegria que se respirava naquele cantinho.

Amar com amor de mãe os filhos que nasceram do seu ventre, é natural numa mulher normal. Amar com amor de mãe os filhos abandonados que perderam a mãe, mas não o gosto e a necessidade de a ter, é dom de Deus. Apesar de tantas dores! Apesar de tantas limitações! Apesar de tantas incompreensões! Apetece-me cantar um hino ao heroísmo destas mães. Ai das nossas Casas se elas nos faltarem! Ai!

Sei que esta nota vai correr o mundo aonde chega O GAIATO. Há-de bater à porta de muitas vidas à procura dum rumo certo. Quem sabe? Os sinais aparecem quando Deus chama quem vive na inquietação.

Passei pelo Hospital de Benguela, esta manhã, a levar um doente do bairro vizinho. Encontrei uma filha, no caminho, a pedir-me para ir buscar o pai à morgue, aonde estava morto e não tinha como levá-lo para casa. Voltei para transportar uma velhinha à sala de radiologia para uma radiografia ao tórax, tal

o seu estado de fraqueza e abandono. Não é tudo para a manhã daquele dia. Paguei todas as despesas porque os meus clientes não tinham nada. Mais, aprendi muito a ser padre a andar por este caminho com os pobres e abandonados. Não quero outro livro. Os motoristas da Casa andavam por outros sítios. Quero que os do hospital e maternidade e pediatria sejam privilégio meu, para que os doentes não venham a morrer, antes do tempo, por falta de cuidados.

Tive a sensação de que perdi a música do hino que comecei a cantar no início destas notas. Mas, não. Um telefonema aflito chama-me para ir buscar, ao Abrigo dos Pequeninos, treze crianças abandonadas que, a seguir à primeira infância, vão continuar a crescer em nossa Casa. Treze filhos duma só vez?! Onde se viu tal fenómeno? Estamos a preparar, entretanto, o espaço onde vão ser acolhidos. O mais difícil não é, por certo, o espaço físico. Este não faltará. O regaço da mãe, daquela mulher que deixou tudo por amor dos filhos que não vieram do seu sangue nem da sua carne, também não há-de faltar. O seu clamor de súplica filial chega ao coração materno e bate, bate, como só os gemidos dos filhos sabem fazer. A surdez tem que ser vencida. O amor de mãe vencerá e não ficarão sós. Assim creio e, por isso, confio.

A Obra da Rua, com todos os seus ramos a cobrir os corpos e as almas dos filhos mais queridos do Pai, é espaço privilegiado também para a realização pessoal de todos os que são chamados por uma vocação especial para a paternidade e para a maternidade. É a hora das grandes decisões dos que são pobres e humildes de coração. Por isso, são bem-aventurados.

Padre Manuel António

PENSAMENTO

Ele há coisas tão altas dentro da verdadeira Caridade! Pena é que o mundo tenha posto a palavra nos cartazes, recebendo em si mesmo o prémio da profanação.

PAI AMÉRICO

Estatuto Editorial d'O GAIATO

Para darmos cumprimento ao preceituado na Lei de Imprensa, efectuamos nesta edição a publicação anual do Estatuto Editorial d'O GAIATO:

1. O GAIATO nasceu da fome e sede de Justiça que consumiu o seu Fundador — paixão que ele mitigou, contagiando muitos de idêntica fome e sede. Assim, deixou expressa a sua vontade relativamente ao mote e ao modo de o comunicar.
2. «O século de agora anda esquecido. Os Pobres constituem encargo indesejável. Ora Deus quer que pela nossa oração e acção se indique ao mundo o caminho da Verdade.»
3. «Pela força e crédito dos seus escritos, defendam os direitos e levem os homens a reconhecer e a respeitar o Pobre.»
4. «Aquele a quem Nosso Senhor deu o talento de escrever, escreva como quem reza. Prepare-se como quem vai falar de Deus. Só desta forma corresponde e faz valer o dom.»
5. «No seu periódico O GAIATO e em outras edições, não peçam nem aceitem propostas de anúncios sobre assuntos do século. Todo o espaço e todo o tempo é pouco para revelar Cristo às almas.»
6. «Também não aceitem colaboração de estranhos, ainda que homens de saber e de virtude. Dê-se, sim, preferência ao Rapaz, que por isso se educa e revela, fazendo bem às almas dos que lerem.»
7. «Não sejam solícitos em pôr a preço os jornais ou edições que saem dos nossos prelos. É melhor deixar tudo à generosidade espontânea de cada um.»
8. Tal se procura cumprir na «fragilidade das nossas misérias».
9. Acrescentamos o compromisso de se «respeitar os princípios deontológicos da Imprensa e a ética profissional (...), e não abusar da boa fé dos leitores, encobrindo ou deturpando a informação».

Pão de Vida

Águas

O terrível maremoto que atingiu as populações do sudeste asiático, fez tremer o mundo, distraído no consumismo fútil.

Nas alterações climáticas têm pesado os erros excessivos da industrialização descontrolada.

Os avanços científicos não escondem a fragilidade e incapacidade humana, que persegue indevidamente o senhorio divino. Quem se atreve a tomar o lugar d'Ele?

A fuga humana às responsabilidades não significa a fuga de Deus, que não está alheio às tragédias do tempo.

Lidamos, diariamente, com rebentos de dramas, que nos são confiados e disputados, em jeito de novela real.

O arrefecimento brusco das noites, nestes dias, tem vitimado as plantinhas que se arriscam à superfície da terra. As alvas camadas de geada que têm coberto o pomar e as leiras, ilu-

minadas pelos raios de luz matinais, revestem-se, também, de um efeito purificador dos terrenos e são um espectáculo soberbo de beleza, que dispõe bem os nossos filhos, ao aproximarem-se, sorrateiros, das tigelas do nosso leite, quente. «Orvalhos e gelos, bendizei o Senhor!»

Alguns agasalhos que chegam, não se sustentam neles muito tempo. São largados, logo que as

bolas rolam nas mãos e pés destas crianças, temperadas pelas intempéries familiares.

Como os poderemos ajudar a confiar no Senhor, quando se difunde o ateísmo militante?

Era dia de Catequese familiar e encontrámo-nos todos no centro da nossa Casa. Constatamos que muitos, já crescidos, vêm para nós ainda sem terem mergulhado nas águas do Baptismo e

arredados da mesa do Pão da Vida. Por isso, transparecem alguma amargura. Portugal, País de missão?... Sim!

Para superar a catástrofe imensa que é o pecado do mundo, Jesus viu-Se obrigado a apresentar-Se, publicamente, e carregar a maldade humana para as águas do Rio Jordão. «Mares e rios, bendizei o Senhor!» Deu-nos a maior oportunidade da

História, para nos levantarmos e confiarmos n'Ele, quando a Humanidade é abalada.

Depois deste dilúvio recente, os Céus, já abertos, poderão iluminar aqueles que se fecham no orgulho, diante dos outros e do Senhor do céu e da terra, que não abandona as Suas criaturas, mesmo quando as catástrofes naturais nos afligem.

Padre Manuel Mendes

Setúbal

O Nino

ESTAVAM muitos dos rapazes mais velhos a treinar. O torneio de futebol que se avizinha, entre rapazes das várias Casas do Gaiato, é uma forte motivação para se prepararem bem.

Passei, e fiquei algum tempo a observar. Entretanto, apareceu o Nino — ele é o centro das atenções de todos os rapazes, visto tratar-se do mais novo da Comunidade. Nunca se isola, anda sempre no meio do grupo para

onde converge a maioria dos rapazes.

Anda feliz o Nino. Há dias, confidenciou-me logo pela manhã:

— Todos gostam de mim! Um misto de admiração e de alegria acompanharam a sua expressão.

Enquanto eu olhava para os rapazes jogando a bola, o Nino aproximou-se das vacas que comiam a sua ração, mesmo ali ao lado do campo de futebol. Com um pau na mão, não dei-

xava que elas se aproximassem da manjedoura, estando decerto admirado com o poder que tinha sobre aqueles portentosos animais, em comparação com a sua pequenez física.

Esta relação desproporcionada, em que o poder efectivo estava na mão do mais pequeno, fez-me pensar que nem sempre o maior é que vence e alcança os seus objectivos.

Vendo o Nino nesta situação e as vacas a quererem comer, disse-lhe para as deixar e sair dali, mas ele continuava espedado, sentindo o poder do domínio nas suas mãos. Mau exercício do poder, pensei.

Ultimamente temos feito várias experiências semelhantes,

sentindo na pele a injustiça que nasce do mau exercício do poder. Motivações diversas, com denominador comum, estão na base destas atitudes. Tal como estava a acontecer com o Nino, o resultado é o impedimento de que a vida flua com naturalidade e cada um cumpra a sua missão, em liberdade.

Novamente, agora mais alto, disse ao Nino para estar quieto e deixar as vacas comerem. Ele obedeceu, e a vaca mais próxima, de imediato, se deslocou para a manjedoura.

Também nós confiamos que Aquele que fala mais alto, fará ouvir a Sua voz e voltará a colocar tudo no seu lugar.

Padre Júlio